



---

## **A sobreposição de falas na conversa cotidiana: disputa pela palavra?**

Larissa Minuesa Pontes Marega (UEM)

Neiva Maria Jung (UEM)

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é observar o papel da sobreposição em uma conversa cotidiana. Os dados são de uma conversa entre três amigas de longa data, que estudaram e cresceram juntas e que se reuniram no quarto de uma delas, após um almoço, para conversar. Este estudo segue as orientações teórico-metodológicas da Análise da Conversa Etnometodológica, apresentando as suas noções fundamentais: a organização da tomada de turnos e a organização de reparo. A análise de dados mostra que a sobreposição de falas aparece na fala-em-interação para colaborar na construção da própria conversa, no entendimento, na concordância a respeito do assunto do turno anterior, contribuindo para a manutenção da intersubjetividade.

Palavras-chave: fala-em-interação; tomada de turnos; sobreposição.

### **Introdução**

Antes de tudo, conversa é sinônimo de troca, de interlocução. Dois ou mais falantes se expressam numa atitude dialógica, é um jogo mútuo de palavras e ações coordenadas. A conversa é uma dança, perfeitamente organizada, em que todos conhecem a coreografia e sabem dançar muito bem, ainda que não dominem o ritmo (analogamente o tema da conversa), mas ainda assim, a estrutura permanece. A conversa pressupõe também alocação, ou seja, para quem se fala, com quem se conversa ou dança. E, por último, pressupõe a interação, isto é, o jogo de influências recíprocas que se estabelecem a partir do engajamento de ambos os participantes no diálogo, que devem se mostrar receptivos e ativos na conversa, dando sinais de entendimento ou não, de concordância, de desinteresse, de dúvida etc.

O objetivo deste artigo é observar a conversa entre três amigas de longa data: Júlia, Lívia e Melissa<sup>1</sup>, que estudaram e cresceram juntas e que se reuniram no quarto de uma delas após um almoço para conversar. Na conversa em questão, um fenômeno apareceu repetidas vezes – a

---

<sup>1</sup> Para resguardarmos a verdadeira identidade das participantes dessa interação, utilizamos, neste artigo, nomes fictícios.

sobreposição de falas. Dessa forma, levantamos a seguinte hipótese para essa recorrência: considerando que, na conversa cotidiana, as sobreposições são mínimas (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON (1974/2003), a sua recorrência nessa fala-em-interação evidencia uma disputa pela palavra entre as participantes.

Na primeira seção, apresentamos questões que envolvem a fala e que caracterizam, sobretudo, a conversa cotidiana. Na segunda e terceira seção, descrevemos a organização da tomada de turnos e de reparo, que são os pilares de toda e qualquer conversa, e, trazemos para isso, exemplos do próprio *corpus*. Na quarta seção, apresentamos a sobreposição de falas e, na quinta, a análise de dados, formulando asserções a partir dos casos de sobreposição de falas encontrados no *corpus*.

## 1. Algumas considerações sobre a fala

Na Linguística, o pontapé inicial para os estudos da fala foi “a não escolha” de Saussure (1979), em outras palavras, dentro da dicotomia *langue/parole*, o linguista optou por estudar aquilo que era sistêmico, social e homogêneo – a língua, em detrimento daquilo que, para ele, era individual, heterogêneo e assistemático – a fala. A exclusão ou recorte, bem como a definição que Saussure atribuiu à fala, abriu caminhos para discussões posteriores.

No período chomskyano, por sua vez, o sujeito falante ganhou competências linguísticas, textuais e comunicativas que garantiram eficácia na produção e interpretação de enunciados gramaticalmente impecáveis (BENTES, 2001). Contudo, esse falante estava fadado à impossibilidade de adaptar sua fala ao lugar, ao tempo e ao interlocutor.

A Pragmática, segundo Pinto (2001), trouxe, também, sua definição de linguagem, opondo-se ao estruturalismo de Saussure. O filósofo John Langshaw Austin é o maior representante dessa corrente. Ele concebe a linguagem como uma atividade construída pelos interlocutores e entende que não é possível discuti-la sem considerar a própria ação linguística. Por essa razão, divide o enunciado em três atos: os locucionários (aqueles que dizem algo); os ilocucionários (aqueles que refletem a posição do falante); e os perlocucionários (aqueles que produzem efeitos de consequência no ouvinte).

Assim, o conceito de fala, com o passar do tempo, foi sendo revisitado, e hoje articula várias áreas do conhecimento, tornando seu estudo teórico-metodológico transdisciplinar, abrangendo ciências, como a psicologia, a sociologia, a linguística, a antropologia, a etnometodologia e a filosofia.

Atualmente, estudiosos se debruçam sobre o uso efetivo da fala, observando a sua produção e organização. Nesse sentido, surgiram pesquisas voltadas para a conversa cotidiana que evidenciam como esta é organizada socialmente (GARFINKEL, 1967; COULON, 1995).

Kerbrat-Orecchioni (2006) aponta a década de 70 como o período de emergência desse novo campo de pesquisa, cuja preocupação investigatória se pauta nas conversações e nas outras formas de interação verbal. Em 1974, Sacks, Schegloff e Jefferson publicaram um artigo considerado referência para o estudo da conversa, em que estabeleceram uma descrição minuciosa da organização que rege a tomada de turnos na conversa cotidiana.

Garcez (2008) afirma que existem diferenças teóricas e metodológicas entre as duas correntes que atualmente estudam a conversa, a saber: a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) e a Análise da Conversação (AC). A primeira objetiva descrever os procedimentos usados por quem conversa para produzir o próprio comportamento e para entender e lidar com o

comportamento dos outros, ou seja, o interesse inicial não está na linguagem em si, na sua descrição, mas na articulação dos métodos de ação social humana (análise da conversa socialmente organizada) segundo a perspectiva dos participantes, o que se fala e como se fala. A segunda, representada pelo estudo de Marcuschi (1991), no Brasil, se preocupa com a descrição linguística do texto falado e com a discussão de questões formulativas ligadas à passagem do texto oral para o texto escrito.

Neste artigo, optamos pela primeira vertente, cujo interesse está na observação de dados de ocorrência natural, tal como nosso *corpus* de análise.

## 2. A organização da tomada de turnos

Segundo Schegloff (1987 apud GARCEZ, 2008), a conversa é a organização primordial da fala-em-interação e, por isso, apresenta algumas características que revelam sua organicidade. O interesse da ACE em contemplar o modo sequencial como a fala acontece a leva a descrever duas organizações fundamentais que regulam o uso da linguagem: a organização de tomada de turnos (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974/2003; FREITAS e MACHADO, 2008) e a organização de reparo (SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS, 1977; LODER, 2008).

Para compreender a organização da tomada de turnos, apresentamos algumas noções centrais, exemplificando-as com dados do *corpus* deste trabalho.

De acordo com Freitas e Machado (2008), a tomada de turnos se constitui por dois componentes: a composição dos turnos e a alocação de turnos. Os turnos são sequências de fala de um participante da conversa ou segmentos construídos a partir de Unidades de Construção de Turno (UCTs) e podem corresponder a unidades, como sentenças, orações, palavras isoladas, locuções frasais ou recursos prosódicos. Observemos o excerto abaixo:

### Excerto 01

277	Lívia	não, ele é casado com aquela psicóloga
278	Melissa	tá, com a Lúcia?
279	Lívia	é.

Os turnos que correspondem às linhas 277 e 279 pertencem à Lívia e o turno que corresponde à linha 278 pertence à Melissa. A UCT é a composição lexical, sintática, prosódica de cada turno: “não, ele é casado com aquela psicóloga”, “tá, com a Lúcia?” e “é”. A transição de turnos aqui é feita mediante a co-construção do par adjacente pergunta/resposta. Esse par P-R, em que P é a pergunta, primeira parte do par, proferida por um falante, e R é a resposta, segunda parte do par, proferida pelo interlocutor, configura uma unidade fundamental para organização da conversa (SCHEGLOFF e SACKS, 1973; LODER; SALIMEN e MULLER, 2008) e, no excerto acima, organiza a troca de turnos das participantes.

As UCTs se caracterizam por dois traços, a projetabilidade e o Lugar Relevante para a Transição (LRT). A projetabilidade se refere ao fato de que os participantes podem prever, no curso da UCT, que tipo de unidade está sendo produzida pelo interlocutor e onde, provavelmente, essa unidade vai terminar. No excerto 01, por exemplo, a pergunta de Melissa indica que ela terminou seu turno e aguarda uma resposta, e esse é o momento que compreende o que

chamamos de LRT, ou seja, o lugar da completude de uma UCT e possível lugar para transição de turno, o que de fato, ocorre, nesse caso, com a resposta de Lívia para a pergunta de Melissa.

Já a alocação de turnos são as possibilidades de definir ou selecionar quem será o próximo falante. Existem dois tipos de práticas para a alocação de turnos ao próximo falante:

**a) A seleção do próximo - quando o falante corrente seleciona o próximo falante - geralmente se dirigindo ao destinatário verbalmente ou pelo olhar;**

**Excerto 02**

86 Lívia qual que é seu assunto polêmico, Ju?  
87 Júlia o Big Brother

Nesse excerto, Lívia seleciona Júlia chamando-a pelo nome, “Ju”, para que ela responda a sua pergunta, a que Júlia prontamente atende. Ocorre, assim, a seleção do próximo falante (Júlia) a partir do falante atual (Lívia).

**b) A autoseleção, quando o próximo falante se autocandidata para tomar o turno.**

**Excerto 03**

543 Lívia Páginas da Vida era legal. (0,4) aquela:: Laços de  
544 Família  
545 Melissa ai é Manoel Carlos, né? não adianta.  
546 Lívia É

No excerto acima, o tópico em andamento são as novelas que as participantes assistiram e de que mais gostaram. Lívia está com o turno em andamento (linhas 543 e 544) e Melissa se autocandidata, em um LRT, tomando o turno (linha 545) para tecer comentários sobre o turno anterior (o de Lívia). Assim, Melissa introduz uma nova UCT e convida Lívia para se manifestar a respeito do seu turno “ai é Manoel Carlos, né?”, tem-se, pois, outro LRT (a pergunta “retórica” de Melissa) a que Lívia responde no próximo turno com “é” (linha 546).

Além dessas observações, Freitas e Machado (2008) sintetizam as características básicas da organização da tomada de turnos, a saber: as transições de um turno para outro ocorrem pelo menos uma vez; um falante tende a falar de cada vez; momentos de fala simultânea ou sobreposta de mais de um participante são frequentes, porém breves; as transições de turno sem intervalo ou sobreposição de falas são comuns; a ordem dos turnos em uma conversa é variável; a extensão dos turnos de fala não é fixa; a duração de uma conversa não é pré-determinada; o conteúdo dos turnos não é pré-especificado; a distribuição dos turnos de uma interação não é previamente planejada.

### **3. A organização de reparo**

O reparo é a identificação de um problema (realizada pelos interactantes) e a tentativa de resolução desse problema, acarretando uma suspensão ou interrupção das ações até então em curso, que só serão retomadas depois que o problema apontado for resolvido (LODER, 2008). Embora o artigo seminal que descreve o funcionamento do reparo se intitule “The Preference For Self-Correction In The Organization Of Repair In Conversation”, seus autores observam que o fenômeno que apresentam “não é contingente a erros ou limitado à sua substituição” (SCHEGLOFF; JEFFERSON; SACKS, 1977, p. 363). Os participantes frequentemente lidam com outros tipos de problema, como problemas de escuta ou de entendimento, ou estar em busca de uma palavra ou expressão para completar seu turno, como Melissa no excerto abaixo.

#### Excerto 04

600	Melissa	Eu gostava sabe de quem?
601	Lívia	Eu gostava [do:::]
602	Melissa	[eu gostava do::: (0,4) gente tá fugindo
603		os nomes >como é o nome daquele ator?<
604	Júlia	Murilo Benício?
605	Melissa	não o::
606	Lívia	Do mesmo cara [que::] =
607	Melissa	[que ganhou a Dança do Gelo?]
608	Lívia	= tá fazendo o::
609	Melissa	Murilo Rosa↑ que fazia lá com a:: Dona Neuta
610	Júlia	Ah:: eu adora::va

Nesse excerto, Melissa (linhas 602 e 603) pede ajuda a seus interlocutores para lembrar o nome de um determinado autor, ao que Júlia (linha 604) apresenta um candidato “Murilo Benício?”, não aceito por Melissa (linha 605). Na sequência, Lívia procura apresentar uma possível informação sobre esse ator, mas é Melissa que, em sobreposição, acrescenta um dado sobre o referido ator. Lívia continua descrevendo uma característica (linha 608), ao que Melissa apresenta o nome que estava buscando “Murilo Rosa↑ que fazia lá com a:: Dona Neuta”.

Nesse caso, a resposta de Melissa “Murilo Rosa” significou modificação de um item anterior “Murilo Benício”, o que caracteriza um reparo com correção. Não se tratou de uma mera substituição de item lexical, mas a trajetória da conversa em curso foi interrompida para lidar com o problema apontado (SCHEGLOFF, 2000). No caso do reparo, independentemente da resposta – se modificada/corrigida ou confirmada/repetida – é o fato de interromper o fluxo da conversa para lidar com um problema que o caracteriza.

A correção é a mera substituição de um item considerado “errado” por outro considerado “correto”, independentemente de ter havido ou não uma interrupção na sequência das ações para a oferta de substituição de um item por outro. Desse modo, o reparo pode ou não abranger a correção.

O reparo é constituído, segundo Loder (2008), por duas partes: 1. A iniciação, um dos participantes aponta que há um problema a ser reparado; 2. O resultado, o problema identificado pode ou não ser resolvido com sucesso, ou pode resultar em abandono. O reparo pode ser realizado tanto pelo falante da fonte do problema quanto pelo outro, seu interlocutor.

Loder (2008) esquematiza de forma didática e detalhada as trajetórias possíveis e mais recorrentes do reparo na conversa cotidiana. Por isso, retomamos e transcrevemos, a seguir, sua classificação, exemplificando, porém, cada trajetória de reparo com excertos do nosso *corpus*.

### a) O reparo pode ser iniciado e levado a cabo pelo falante da fonte de problema

#### Excerto 05

193 Júlia ah:: era assim (.) >várias cabines parecia um monte  
194 box<, de:: de banheiro assim, aí::: você tinha que  
195 que ficar parado porque tinha:: sensor na cabine  
196 inteira (0,3) >então se você se mexesse tocava uma  
197 campainha< (.) então <parou acabou>, não fa- não  
198 respira não faz mais nada ((imita a cena)) (1,5) >o  
199 Felipe<, >ficava assim< (.) erguia a blusa puxava a  
200 calça puxava e nada de apitar (0,3) a Tatiana, fez  
201 isso aqui (.) ((faz um pequeno movimento com a mão))  
201 [pi↑ pi↑ pi↑] =

Esse excerto faz parte do momento da conversa em que as participantes estão falando sobre uma prova do programa Big Brother Brasil. Júlia está descrevendo a prova e, nas linhas 197 e 198, faz um autorreparo, ou seja, a sua elocução “não fa-” é uma UCT ainda não completa, que é interrompida por ela, indicando um problema, que é reparado na sequência com “não respira não faz mais nada”.

### b) O reparo pode ser iniciado pelo falante da fonte de problema e levado a cabo pelo outro

#### Excerto 06

321 Melissa a Lúcia é uma::: [°outra atriz°]  
322 Lívia [a mulher do médico]  
323 Júlia a mulher do médico?  
324 Lívia [é]  
325 Melissa [é]

Nesse fragmento da conversa, Melissa está buscando descrever uma personagem da minissérie Queridos Amigos (Lúcia) e hesita (linha 321), ao que Lívia, em sobreposição (linha 322), leva a cabo o reparo iniciado por Melissa, apresentando o papel da personagem “a mulher do médico”.

### c) O reparo pode ser iniciado pelo outro e levado a cabo pelo falante da fonte de problema

### Excerto 07

288 Lívia mas ontem ela falou que a Antônia (0,3) era uma  
289 produção independente  
290 Melissa ela quem?  
291 Júlia a:: [a mãe da Antônia]  
292 Lívia [a mãe da Antônia]

No excerto 07, Lívia está com o turno de fala (linha 288) e descreve uma cena que envolve duas personagens do programa televisivo Queridos Amigos, a primeira denominada pelo pronome pessoal “ela” e, a segunda, pelo nome “Antônia”. Melissa, em seu turno, inicia um reparo em forma de pergunta “ela quem?”, solicitando esclarecimento sobre a personagem citada, mas não nomeada. Júlia e Lívia, esta última autora da fonte do problema, em sobreposição, levam a cabo o reparo e esclarecem quem é a personagem, dando, assim, continuidade à conversa (linhas 291 e 292).

### d) O reparo pode ser iniciado e levado a cabo pelo outro

#### Excerto 08

666 Lívia [°como que é o nome dela?°] (0,3) como é o nome  
667 dela?  
668 Melissa Buzena?  
669 Júlia Bozena  
670 Lívia é. Bozena.

Nesse momento da conversa, Lívia pergunta a respeito de uma personagem do Programa humorístico Toma lá da cá, a qual admira (linhas 666 e 667). Melissa apresenta um nome “Buzena” (linha 668), iniciando um reparo. Júlia, por sua vez, leva a cabo o reparo, corrigindo esse nome por “Bozena” (linha 669). Lívia, que apresentou a pergunta inicialmente, concorda com a resposta de Júlia, dando recibo (linha 670).

Nesta seção, apresentamos e exemplificamos as trajetórias de reparo que permitem resolver os problemas que recorrentemente surgem ao longo da interação e, conseqüente, ao longo da tomada de turno.

## 4. A sobreposição de falas

Na conversa cotidiana, é raro os participantes falarem ao mesmo tempo por muito tempo. A premissa da sequencialidade é empiricamente sustentada na conversa, ainda que haja sobreposições de falas, a conversa pode fluir de forma inteligível e eficaz. Se um turno está em andamento e em determinado momento ocorrer o chamado “assalto” ao turno pelo interlocutor, suscitado com uma fala sobreposta ao turno anterior, na disputa pela palavra, geralmente um deles abandona o turno.

Segundo o modelo Gail Jefferson de transcrição (em apêndice), as falas sobrepostas são sinalizadas graficamente com colchetes “[ ]” e mostram quando mais de um interlocutor está falando ao mesmo tempo, seja quando começam juntos seus turnos de fala ou quando um começa

a falar antes que o outro termine. Dessa forma, esses sinais de início (abre colchetes) e de final (fecha colchetes) evidenciam as falas simultâneas e registram, no espaço entre os colchetes, as elocuições proferidas durante a sobreposição de falas. Observemos o excerto a seguir:

### Excerto 09

58 Melissa no dia da formatura da Li (.) foi o dia do  
59 aniver[sário dela]  
60 Lívia [é foi o aniversário °dela°]

No excerto 09, ocorre a sobreposição de falas marcada, graficamente, pelos colchetes. Melissa está com a posse do turno (linhas 58 e 59), antes mesmo de ocorrer um LRT, Lívia fala ao mesmo tempo em que Melissa termina o seu turno (linha 60), praticamente completando a UCT proposta, colaborando, assim com a intersubjetividade e com o entendimento mútuo. Ou seja, ao saber a que ponto a conversa convergia, Lívia não esperou a finalização de Melissa e adiantou sua participação na construção da UCT anterior.

Mas quando um turno de fala não puder ser graficamente registrado em uma única linha e, entre a primeira linha e sua continuação, houver um turno sobreposto de outro interlocutor, empregam-se os sinais de igual “=” ao final e ao início dessas linhas, indicando que se trata de um turno contínuo, sem lapsos de tempo, apesar de estarem graficamente marcados em linhas diferentes, conforme mostra o excerto 10:

### Excerto 10

95 Lívia não vai [falar que você gosta::] =  
96 Melissa [NÃO ela é lésbica, né?]  
97 Lívia = do Mar[celo, né?]  
98 Júlia [NÃO eu odei::o o Marce::lo↑], mas  
99 a Tatiana é falsa pra caram::ba GEN:::::TE

O excerto 10 evidencia a contiguidade na elocução, representada pelos sinais de igual. A fala de Lívia é contínua (ler as linhas 95 e 97 sem intervalo de tempo), mas há uma sobreposição da fala de Melissa (na linha 96). A pergunta de Lívia é dirigida à Júlia que, antes mesmo do LRT (neste caso seria após a elocução “né?”), sobrepõe sua fala à de Lívia e responde à pergunta.

Jefferson (1984), em seu texto sobre sobreposição “Notes on some orderlinesses of overlap onset”, descreve três distintos grupos de sobreposição *onset*: *Transitional*: quando um ouvinte/ próximo falante está orientando, monitorando, ou até apresentando proeminência sobre um enunciado em andamento até um estado de completude sintática. Nesse momento, seria um possível ponto de transição de turno; *Recognitional*: quando um ouvinte/próximo falante parece orientar-se, não tanto em relação à completude, porém em relação à adequação. Embora determinado enunciado não tenha sido concluído, o contexto do que está sendo dito torna-se perfeitamente compreensível ao próximo falante, permitindo, de forma recorrente, a este outro falante iniciar outro turno de fala, a partir daquele ponto; *Progressional*: quando um ouvinte/próximo falante pode ser visto como que direcionando o “avanço” de um enunciado em



curso, e agir, como quando em algum ponto da conversa, surge algo que interfira na progressão para a sua conclusão e/ou adequação.

No grupo *Recognitional* (por reconhecimento) *onset* apresenta ainda dois tipos básicos de sobreposição e que também foram identificados nos dados deste artigo: *'Item'-Targetted Onset* e *'Thrust'-Projective Onset*. A primeira sobreposição seria aquela que acontece quando o ouvinte reconhece, de antemão, qual palavra ou expressão a ser utilizada pelo falante corrente e manifesta-se sobrepondo sua fala à do outro que nem sequer deu sinais de finalização de seu turno. A segunda sobreposição liga-se à ideia de um entendimento do sentido geral que já pode ser percebido da fala a que se sobrepõe. Esse tipo, em especial, ocorre, principalmente, nos casos em que o próximo falante, percebendo a possibilidade de refutar a argumentação que o falante corrente vem desenvolvendo, interrompe a linha de raciocínio que vinha sendo estabelecida, com a finalidade de expor e tentar impor a sua versão para os fatos.

## 5. A sobreposição na fala-em-interação: disputa pela palavra?

Levando em consideração a natureza da relação das participantes, o grau de intimidade, a empolgação diante dos temas abordados, o entendimento mútuo, compartilhado, co-construído, enfim, a hipótese que levantamos neste trabalho e, diante dos dados encontrados no *corpus* que indicam muitas sobreposições de falas, sistematizamos nesta seção, as ocorrências e práticas das participantes dessa interação para “falar ao mesmo tempo” (os casos típicos), bem como as características principais da fala sobreposta nessa conversa em particular.

### a) A fala sobreposta é usada para completar a UCT, quando há hesitação ou pausa

#### Excerto 11

236 Melissa mas ela [é:::]  
237 Júlia [uma pata cho↑ca] dorme o dia inteiro, não  
238 faz na↑da  
239 Melissa ela não conversa, ela não socializa com as pessoas  
240 >ela não merece ganhar um tipo de programa que tem<  
241 <relacionamento em jo↑go>

No excerto 11, a sobreposição ocorre nos turnos de fala de Melissa (linha 236) e de Júlia (linha 237). A situação da conversa é a seguinte: Melissa está com a posse do turno e começa a caracterizar uma participante do programa televisivo Big Brother Brasil, mas ao atribuir características à pessoa, hesita por algum tempo, momento aproveitado por Júlia (LRT) para completar a UCT construída inicialmente por Melissa “mas ela”. Júlia, então, preenche o espaço vazio deixado por Melissa em sua hesitação e completa, assim, a UCT anterior. Na sequência, Melissa mostra que acatou a contribuição da amiga (linhas 239-241), acrescentando à conversa sua opinião sobre o assunto.

No excerto 12, ocorre situação semelhante. Melissa hesita (lugar possível para o LRT) e é auxiliada por Júlia (linha 653) na completude de sua UCT, apresentando a mesma elocução.

### Excerto 12

652 Melissa e eles são casados ele e a::: [Adriana] =  
653 Júlia [Adriana]  
654 Melissa = Esteves (0,4) eles são casa[dos agora]

Ocorreram, também, interferências dos participantes diante de uma pausa, conforme mostra o excerto a seguir. Júlia está explicando para Melissa a função do elevador do colégio em que estudavam. Melissa (linha 30) acredita que a utilização do elevador é devido a uma exigência, mas Júlia afirma (linhas 31 e 33) que o elevador está sendo usado pela universidade, instalada também no colégio. Em meio à fala de Júlia, diante de uma pausa, Melissa demonstra entendimento (linha 32), sobrepondo sua fala à da amiga.

### Excerto 13

30 Melissa (0,4) eu acho que foi uma::: exigência  
31 Júlia aquilo lá é pra:: universidade(.) [que tem a faculdade] =  
32 Melissa [ah::: tá.]  
33 Júlia = >sei lá daí o colégio pode usar<

Essa situação de fala sobreposta ocorreu antes do LRT e demonstra entendimento do conteúdo do turno em andamento. Trata-se, nesse caso, de uma espécie de continuador, pois Melissa demonstra que está acompanhando a explicação e que, portanto, Júlia pode continuar a sua explicação.

## b) A fala sobreposta caracteriza a segunda parte do par adjacente pergunta-resposta

Embora sejam três participantes, com frequência, configurou-se o par adjacente pergunta-resposta. Uma das participantes apresenta uma pergunta, para a qual as duas outras apresentam a sua resposta, como mostra o excerto a seguir.

### Excerto 14

270 Lívia não (0,5) mas melhor que Big Brother (.) é Queridos  
271 Amigos(.) vocês tão assistindo?  
272 Melissa aham [eu ado↑ro] =  
273 Júlia [°eu acho muito tarde°]

Lívia apresenta uma pergunta (linhas 270 e 271), para a qual Melissa e Júlia apresentam a sua resposta (272 e 273). Nesse caso, as duas apresentam respostas diferentes, Melissa afirma “aham [eu ado↑ro]=” e Júlia “[°eu acho muito tarde°].”



Júlia não sabe quem é a personagem Lúcia da minissérie *Queridos Amigos*, e Melissa e Lívia prontamente se habilitam a responder e estão tão sincronizadas que, nas linhas 324 e 325 que correspondem aos turnos contendo a elocução “é”, confirmam (igualmente) a pergunta de Júlia (linha 323).

No excerto 17, Júlia e Lívia é quem comandam a descrição de uma cena da novela das sete da Rede Globo de Televisão, a qual Melissa desconhece. Portanto, totalmente envolvidas no assunto, nas linhas 468 e 469, Júlia e Lívia falam simultaneamente de forma a demonstrar participação e pré-disposição em estabelecer a interação.

#### **Excerto 17**

467 Melissa não acredito  
468 Júlia ela acha que as pe[ssoas moram no Projac]  
469 Lívia [moram no Projac]

#### **d) A fala sobreposta como disputa que evidencia o engajamento na conversa**

O excerto a seguir mostra disputa pela palavra das três envolvidas na interação. Enquanto Lívia expõe sua opinião a respeito de um integrante do programa televisivo *Big Brother Brasil*, na linha 128, Júlia e Melissa também sentem a necessidade de se expressarem (linhas 129 e 130), e as três amigas falam simultaneamente.

#### **Excerto 18**

128 Lívia ai aquele Marcelo tem problema [não sei o que acontece]  
129 Júlia [TEM problema]  
130 Melissa [ele é lou↑co]

Nesse excerto, antes que haja um LRT, três turnos são realizados ao mesmo tempo: “não sei o que acontece” (Lívia), “tem problema” (Júlia) e “ele é louco” (Melissa). Trata-se de uma disputa pela palavra que evidencia o engajamento das três amigas na conversa.

No excerto 19, Melissa e Júlia disputam a palavra para explicar conjuntamente o que aconteceu em uma prova do programa *Big Brother Brasil* para Lívia, pois ela não havia assistido.

#### **Excerto 19**

185 Melissa (0,4) você viu que o:: [Felipe]  
186 Júlia [o Felipe qua::se >tirou a roupa ali  
187 dentro<  
188 Melissa <o Felipe quase tirou a [roupa]> =  
189 Júlia [e:: >não, fez nada<  
190 Melissa = e:: o negócio não, não::: [balançou↑]

As duas disputam para ver quem vai contar a cena ocorrida com um participante do programa, por isso há, nesse trecho, muitas sobreposições. Melissa inicia a descrição da cena, no momento em que hesita falar o nome do participante “você viu que o::”, Júlia entra para continuar a narrativa. Melissa retoma o turno (linha 188) e repete a fala de Júlia, ao que esta faz sobreposição (linha 189). Melissa (linha 190) toma o turno mais uma vez, hesita, e Júlia faz outra sobreposição (linha 191).

O excerto a seguir mostra uma discordância de Júlia diante da fala de Melissa.

### Excerto 20

549 Melissa não. essa aí é o:: Aginaldo e Silva [fez Senhora do Destino]  
 550 Júlia [não↑ Melissa, adivinha?]  
 551 Melissa = que fez:::  
 552 Júlia adivinha a:: que faz ah meu Deus↑ como que é o nome  
 553 da atriz? você não vai saber o nome da personagem::m  
 554 (0,5) ela é principal da novela das sete uma que tem  
 555 o cabelo:: moreno bonita? (0,3) a famosa (.) velha  
 556 vai falando o nome da::s das atrizes que tão na na::  
 557 novela das sete?

Enquanto Melissa está discorrendo sobre as novelas de Aginaldo e Silva, Júlia está, ao mesmo tempo, discordando e chamando a atenção da amiga com uma pergunta (linha 550). Melissa, na linha 551, hesita sobre o nome de outra novela. Júlia aproveita e encaixa novamente sua elocução iniciada com “adivinha”. Nesse momento, Júlia faz uma narrativa e muda o tópico em andamento “autores de novela” para recordar o nome de uma atriz que está atualmente na novela das sete. Nessa sobreposição, há uma discordância e uma tentativa de mudar o tópico da conversa.

Esse dado confirma o outro tipo de sobreposição por reconhecimento encontrado por Jefferson (1984), nomeado pela autora *'Thrust'-Projective Onset*, em que o próximo falante evidencia uma compreensão do turno em andamento (linha 550) e interrompe-o com a finalidade de tentar impor a sua versão para os fatos.

Em síntese, nesta seção, apontamos algumas regularidades que caracterizam a sobreposição de falas nessa interação: ocorre no interior de uma UCT, antes do LRT, quando houve hesitação ou pausa e, em alguns trechos da fala, na segunda parte do par adjacente pergunta-resposta, demonstra entendimento e participação na formulação (co-construção) do turno em andamento e, quando ocorre como disputa, evidencia o engajamento e a cooperação das participantes na conversa.

### Conclusão

A fala é altamente inteligível, organizada, passível de descrição e análise. As duas organizações, de tomada de turnos e de reparo, comprovam o quão sistêmica, de fato, é a conversa do cotidiano. A fala está longe de ser desarranjada, não se trata de caos. Mesmo que se

tenha, como evidenciamos neste trabalho, três falantes produzindo elocuições ao mesmo tempo, ainda assim há a ordem.

Na interação analisada, observamos que a sobreposição de falas, ao contrário da hipótese inicial de que a sobreposição evidenciaria disputa pela palavra, ocorreu de modo cooperativo. As sobreposições evidenciaram a colaboração na construção da conversa, a demonstração de entendimento, o engajamento mútuo a respeito do assunto e a concordância ou discordância explícita a respeito do conteúdo do turno em andamento, ou seja, contribuiu para a manutenção da intersubjetividade. As sobreposições ocorreram no interior de uma UCT, antes do LRT, quando houve hesitação ou pausa e, em alguns trechos da fala, na segunda parte do par adjacente pergunta-resposta. A maioria das sobreposições aconteceu entre duas participantes, mas também tivemos sobreposições que envolveram as três participantes, conforme mostrou o excerto 18.

Com isso, finalizamos este estudo acreditando, contudo, que muitas contribuições possam aparecer, já que analisamos uma conversa a partir do recorte de um fenômeno de fala, dentre tantos outros igualmente relevantes.

**ABSTRACT:** This article's objective is to observe the characteristics of overlapping talk and its functions in a face to face interaction. Data were obtained from a conversation among three longtime friends, who studied and grew up together, they gathered in a room after lunch to talk. This study is organized according to the theoretical and methodological perspective of Ethnomethodological Conversation Analysis, also presenting its fundamental concepts: the Organization of Turn-Taking and the Organization of Repair. Data Analysis demonstrated that the overlapping talk takes place during the interaction to collaborate to the own conversation construction, to the understanding and to the agreement about the previous turn subject, contributing to keep the intersubjectivity.

Key-words: Talk-in-interaction; Turn-Taking; Overlapping.

## Referências

BENTES, Anna Christina. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, F. et al (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

COULON, A. *Etnometodologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FREITAS, Ana Luiza Pires; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 59-94.

GARCEZ, Pedro M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social:*

Introdução à Análise da Conversa Etnometológica. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 17-38.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1967.

JEFFERSON, G. Notes on some orderliness of overlap onset. In: D'URSO, V.; LEONARDI, P. (eds.). *Discourse Analysis and Natural Rhetorics*. Pádua: Cleup editore, 1984.

LODER, Letícia Ludwig. Noções fundamentais: a organização do reparo. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 95-126.

LODER, Letícia L.; SALIMEN, Paola G.; MULLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. *Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometológica*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, pp. 39-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Introdução à linguística* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas (UFJF)*, Juiz de Fora, vol.7, nº 1-2, 2003, p. 9-73. Tradução de SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. e JEFFERSON, G. A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, Baltimore vol. 50, nº 4, 1974, pp. 696-735.

SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail e SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, Baltimore, vol. 53, n 2, 1977, pp. 361-382.

SCHEGLOFF, Emanuel; SACKS, Harvey. Opening up closings. *Semiotica*, v. 8, 1973, pp. 289-327.

RECEBIDO EM 30/10/2010 – APROVADO EM 13/05/2011



## APÊNDICE

### CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO JEFFERSON

#### Aspectos de produção da fala

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação intermediária
:	(dois-pontos)	prolongamento do som
↑	(flecha para cima)	som mais agudo do que os do entorno
↓	(flecha para baixo)	som mais grave do que os do entorno
-	(hífen)	corte abrupto na produção vocal
<u>fala</u>	(sublinha)	ênfase em som
<b>FAla</b>	(maiúscula)	som em volume mais alto do que os do entorno
°fala°	(sinais de graus)	som em volume mais baixo do que os do entorno
°°fala°°	(sinais de graus duplos)	som em volume destacadamente mais baixo do que os do entorno
>fala<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<fala>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
[    ]	(colchetes)	fala sobreposta (mais de um interlocutor falando ao mesmo tempo)

#### Inspirações/expirações/risos

.hh	(série de h precedida de ponto)	inspiração audível
hh	(série de h)	expiração ou riso

#### Lapsos de tempo

(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	silência de menos de 2 décimos de segundo

#### Formatação, comentários, dúvidas

=	(sinais de igual)	elocuições contíguas
(    )	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito
(fala)	(segmento de fala entre parênteses)	transcrição duvidosa
((levanta da cadeira))	(parênteses duplos)	descrição de atividade não-vocal

RECEBIDO EM 30/10/2010 – APROVADO EM 13/05/2011